

## CAPÍTULO III

A história que contou ao chefe logo na primeira semana de trabalho deve ter acirrado a inflamação do hipocampo de Januário Ladeira. Só isso explica o fato de haver ele esquecido de ir buscar durante dois meses os livros na casa do Biriba. Ao longo de maio e junho, sempre às três e quarenta da madrugada, acordava assustado com um pesadelo recorrente: o desmoronamento da mansão da família Ladeira, na Rua da Lama. Ali ele havia nascido fazia 29 anos, numa época em que os pais eram apenas inquilinos no sobrado. Dividiu aquele quarto por 28 anos com seu irmão César, quatro anos mais velho, até que este decidiu ir viver com uma certa Amélia, que levou a tiracolo seus três filhos do primeiro casamento. Não sentiu imediatamente a ausência do irmão porque seu tempo havia sido preenchido com o trabalho na *Duas Pátrias*, os estudos no último ano de faculdade, a leitura das apostilas para o concurso público no Serviço Municipal de Esgoto e a redação de seu romance *A Igreja do Gigante Azul*. Só agora, já formado e trabalhando no Setor de Dívidas, é que percebia a falta que César fazia. E a culpada era aquela divorciada. A ópera-rock? Nunca mais surgira nada como *Quadrophenia*, *Three Friends*, *Thick as a Brick* ou *Dark Side of the Moon*. No lugar de *Mutantes*, *Som Nosso de Cada Dia*, *Terço*, *Terreno Baldio* ou *Bixo da Seda*, os moleques de dezoito, vinte anos, agora ouviam *Barão Vermelho*, *Legião Urbana*, *Kid Abelha e os Abóboras Selvagens* ou *Os Titãs do Ié-Ié-Ié*. Qual seria o seu futuro musical, diante desse quadro desalentador de canções de três minutos para tocarem no rádio? Se ao menos César voltasse a frequentar a casa nos fins de semana, teria para quem contar tudo o que havia de novo em sua vida. Mas, com aquela pata-choca e seus três patinhos, as visitas aos seus pais eram cada vez mais raras. Assim, o seu discurso sobre o novo trabalho teve dois meses para ser preparado. César só reapareceria na Rua da Lama no último sábado de junho, dia da final da Copa do Mundo. A recepção do filho pródigo mereceria um banquete: seu pai prepararia, como nos velhos tempos, uma feijoada completa.

Na noite de sexta-feira para o sábado, Januário finalmente teve um pesadelo diferente. Sonhou que estava com o Dr. Décio Linhares num cemitério e gritou de pavor, pedindo socorro. Seus gritos assustaram tanto a sua mãe que ela entrou em seu quarto empunhando um revólver. Achou que algum assassino atacava o filho. Sua mãe, uma amante das ciências como ele, com uma arma na mão! Quando viu que tudo não passava

de um novo pesadelo, ela o desperta e se senta na beirada de sua cama, como sempre fez. Em seguida, começa a fazer cafuné nele, mas sem largar a arma. O risco de levar um tiro acidentalmente era grande, motivo pelo qual a tensão do filho aumenta. Procurando se livrar daquelas carícias bélicas, ele a dispensa:

— Pode ir dormir, mamãe. O susto já passou.

Ela dá um beijo em sua testa e volta de revólver em punho para seu quarto, onde o marido ainda ressona, alheio aos ruídos do mundo exterior, porque hoje é sábado.

Desde criança Januário costumava conversar com seu irmão sobre os sonhos havidos na noite anterior. Mas agora, ele não mora mais com ele, trocou-o pela mãe dos patinhos. Januário sente como nunca a sua falta, a esta hora ele estaria lhe contando o sonho de seu próprio funeral.

Às seis horas sai da cama, embora seja dia de descanso na repartição. Coloca bermuda, uma camiseta vermelha com uma estampa da silhueta de Ian Anderson apoiado num só pé e tocando sua flauta transversal e vai imediatamente à padaria, mais por necessidade de conversar com alguém do que por fome.

Melquíades, além de chapeiro, é filósofo autodidata. Foi ele quem introduziu Januário na doutrina de Jeremy Bentham. Tem muitos ídolos, Kant, Schopenhauer, Nietzsche, mas um de seus preferidos é Fustel de Coulanges. Gosta tanto do autor d'*A Cidade Antiga* que decidiu aprender o idioma francês para ler sua obra completa na Biblioteca Municipal de Tijuco Verde. Melquíades pode, eventualmente, ter uma boa interpretação daquele sonho. Nosso herói senta-se no último banco do balcão, aquele mais próximo à chapa, e conta a ele o que se lembra:

— Eu era dono de uma grande fazenda e estava realizando uma caminhada de inspeção por todo o seu perímetro, para verificar se os marcos estavam nos lugares corretos e se não havia nenhum sinal de esbulho.

Melquíades joga orégano em duas fatias de queijo minas frescal que começaram a derreter, corta um pãozinho francês no meio, arrasta a espátula pela chapa e monta o sanduíche.

— Você está bem, Januário. Mal começou a receber seus polpudos holerites e já está sonhando em ser fazendeiro, demarcando a propriedade e se precavendo de invasões das Ligas Camponesas!

Januário nunca sabe se Melquíades brinca ou se ganha tão pouco como balconista da Santa Cecília a ponto de achar que o novo salário mequetrefe na SDSE fez dele um adversário de Francisco Julião. Prossegue no relato:

— Já era noite quando, no ponto mais distante da sede do latifúndio, me deparei com uma estranha pedra retangular num ponto onde eu esperava encontrar apenas outro marco divisório da propriedade. Comecei a lustrá-la com meu lenço, retirando os resíduos de lama que a recobriam. Aos poucos foram aparecendo, uma a uma, as letras J... A... N... Você me dirá: era apenas uma referência ao mês de janeiro. Mas se estamos em junho! É óbvio que devia ser o meu nome! Abaixo delas tinha umas letras e um número que eu não conseguia enxergar, pois uma nuvem encobria a lua naquele instante. E, mais abaixo, um monte de numerozinho menor. Para mim, era o número da quadra e do lote no cemitério. E, para piorar, quem visitava meu túmulo era meu chefe, o dr. Décio Linhares. O que você acha, Melquíades?

O balconista coça a cicatriz em sua jugular e vai atender um outro freguês que pediu um americano, pão com presunto, queijo, ovo frito, alface, tomate, ketchup e maionese. além de um suco de laranja com mamão e cenoura. Januário inveja o sanduíche do freguês. O dele é um simples pão com queijo branco na chapa e café com leite. Vira o rosto, evitando cobiçar o sanduíche alheio. Pensa mais no sonho, tentando resgatar os detalhes. Sim, ele limpava a pedra na escuridão enquanto o Dr. Linhares gesticulava, ameaçando-o. À medida que o pó era retirado, a lápide ficava mais leve, até adquirir a espessura de um pedaço de cartolina. Nesse ponto, ele já não tinha certeza se ainda se lembrava do sonho ou se estava inventando um enredo para o seu romance (sim, embora estivesse ainda sofrendo de um bloqueio criativo, continuava sonhando em escrever um livro homônimo deste), pois a laje de pedra era apenas um cartão. Fecha os olhos mentalizando o sonho. A nuvem se afastou e o luar iluminou o cartão que agora ele segurava com as duas mãos:

JANUÁRIO LADEIRA 38.452 – SDSE
28.04 - 08:57
29.04 - 09:06
30.04 - 08:32
01.05 - FERIADO
02.05 - 08:26

Nesse momento, Melquíades volta para expor sua teoria:

— Refleti enquanto espremia as laranjas, cortava a cenoura e tirava a semente do mamão. Você sonhou com a origem da família, da religião e da propriedade privada. Há milênios, as religiões eram unifamiliares. Cada família tinha seus próprios deuses protetores, que eram seus antepassados. Acontece que os mortos, de acordo com estas antigas crenças, continuavam a ter necessidades materiais mesmo depois de morrerem. Por isso, os parentes vivos enterravam seus pais e avós nas terras ao redor do local onde viviam, para alimentá-los periodicamente. E, para identificarem o local, colocavam pedras sobre os corpos enterrados. Essas pedras demarcavam os limites da propriedade familiar e eram tão sagradas que o desavisado que as tirasse do lugar seria punido com a morte. O Estado surgiu da necessidade de execução dos profanadores de túmulos, entendeu?

O auxiliar de contabilidade faz que sim com a cabeça, só pra não magoar o chapeiro.

— Mas os números, Melquíades, os números...

— Não importam os números. Não foi um sonho premonitório, foi um sonho retrospectivo, um retorno às origens do direito de propriedade.

— E quanto à data de minha morte?

— Arre! Eu, eu, eu... Quanto egocentrismo! Só pensa em si próprio! O que importa saber da data de sua morte? Acaso você se considera mais do que o primeiro-ministro da Suécia, que foi assassinado há quatro meses? Ou do que aquela professora a bordo do ônibus espacial que explodiu um mês antes do atentado terrorista em Estocolmo?

— E que isso tem a ver com o que estou falando? É claro que sei que todos morrem!

— Tem a ver com a nossa desimportância. Somos moradores de uma cidadezinha perdida no mapa que nunca gerou um filho famoso, ninguém que tenha aparecido, nem digo na Rede Globo, que tenha aparecido ao menos no SBT ou na Record. Pense em Tijuco Verde e pense nos moradores daquela cidade da Ucrânia, derretendo no momento em que estávamos alegremente reunidos prestigiando sua posse no serviço público. Foram milhares de pessoas contaminadas que morreram ou ainda vão morrer nos próximos meses de leucemia. Aqui neste cafundó não tem sequer um instituto de abreugrafia que vaze raios X para o prédio vizinho e você vem falar de seu túmulo? Pare com essa besteira de se achar tão importante a ponto de acreditar que tem sonhos premonitórios com a sua morte. Mas, se um dia quiser realmente conhecer o seu futuro, vá ao ponto mais alto de nossa cidade, no meio da Favela do Curto-Circuito, e procure a feiticeira Janel Wislawa.

Reparem que colocamos, na voz de Melquíades, um rol aleatório de diversas desgraças ocorridas naquele ano de 1986: o assassinato de Olof Palme em Estocolmo, a tragédia nuclear em Chernobyl, a explosão da Challenger um minuto após a decolagem, provocando a morte de Christa McAuliffe, primeira civil a tripular uma nave espacial, além da tripulação militar. Antes disso, já havíamos relacionado alguns nomes do mundo pop que agora se ouviam nas estações de rádio. Estes são expedientes literários destinados a contextualizar historicamente este romance. É bem verdade que a reconstituição da época não está lá um primor, até porque os episódios mencionados nem são muito relevantes para o desenvolvimento desta trama e, se tivéssemos que destacar algo realmente importante na vida do povo de Tijuco Verde, falaríamos dos pênaltis perdidos por Sócrates e Júlio César contra a França. Íamos tão bem, estávamos invictos, derrotamos Espanha, Argélia, Irlanda do Norte e Polônia!

Não vamos nos alongar porque este romance é objetivo e avesso a digressões impertinentes. Levemos em conta que no momento em que o livro for publicado, Januário estará com a cara no chão. Vamos respeitá-lo e retornar à interpretação daquele pesadelo. A cafeína ativa seus neurônios e, de repente, ele entende que havia sonhado com o seu cartão de ponto. Agora está tudo claro, inclusive a presença do Dr. Décio Linhares. Se pudesse voltar no tempo, não teria gritado de horror nem acordado sua mãe. Melquíades, que desconhece aquela epifania, prossegue com o seu rol de efemérides:

— Pertencemos à geração que dirá aos seus filhos que vimos a passagem do cometa Halley, muito embora isso não seja bem verdade. Eu mesmo não conheço ninguém que tenha conseguido ver alguma coisa. Enfim, já começo a me acostumar com essas balelas da NASA. Há treze anos inventaram o tal cometa Kohoutek, que ninguém viu. Enfim, meu rapaz, coma seu pão com queijo branco, tome seu pingado e aproveite a vida, que ficou tão melhor para vocês, do outro lado do balcão, depois que foi implantado o Plano Cruzado e os preços foram congelados.

Desalentado com o rumo da conversa, Januário muda de assunto mais do que depressa:

— Tem razão, Melquíades. *Carpe diem*. Vou seguir seu conselho. Pelo menos esses cometas sempre rendem alguma novidade musical, né? Bill Halley, Sá & Guarabyra... E sua filha, a Joaquina?

— Que tem ela?

— Há dois meses ela veio sozinha apanhar a merenda escolar e eu pensei: como o tempo passa, já está uma mocinha!

— Não é merenda escolar. É a marmita que ela sempre leva ao trabalho.

— A menina já trabalha, Melquíades?

— Faz estágio na faculdade. Engenharia Ferroviária.

Januário leva um susto e aí vem a segunda epifania da manhã. Mas é lógico! Se ele não tem mais onze anos idade, a menina também não tem mais seis. Faz as contas: ele está agora com 29 anos, Joantina deve ter seus 24! Fica aliviado. Não precisa continuar a reprimir a atração sexual por ela, achando que vai virar um *sugar daddy*.

Cabe aqui uma observação. Januário Ladeira não é nenhum Flamínio Formica ou Aguirre Lousada, personagens da série Velho Império Sem Czar, escrita pelo autor real deste livro em parceria com Guian de Bastos. É lógico que Januário sabe que Joantina cresceu, que é agora uma mulher atraente, nada a ver com aquela garotinha que um dia colocou uma pedra no trilho da estrada de ferro Orelha de Macaco/Tijuco Verde. Todavia, num certo grau de percepção, ela continua sendo aquela menininha que gostava de jogar bola com ele na rua. Ficou tantos anos envolvido com o estudo de Contabilidade e com exercícios do Hanon, esquivando-se das stalkeadas do Benedito Montana, que simplesmente misturou memórias, sonhos e reflexões no mais autêntico padrão junguiano e apagou da mente o sentido do decurso do tempo, a segunda lei geral da Termodinâmica, a inexorabilidade do destino de todos nós, isto é, alta entropia e decomposição da matéria orgânica.

Não, Joantina está muito longe de ser resíduo sólido, *res derelicta*. Pelo contrário, algo no jeito dela andar o atrai mais do que qualquer garota da Rua George Harrison. Naquele instante, diante do pai da garota, ele pensa: *tudo o que tenho que fazer é pensar nela*. E então busca a fórmula mágica que fez na manhã de terça-feira, 29 de abril:

— Melquíades, vê aí mais um copo americano de café.

Coincidência ou não, fato é que nesse mesmo momento Joantina entra na padaria. Nosso protagonista abre um sorriso largo de alegria, inebriado com a ideia de que tem certos poderes para moldar a realidade de acordo com seus desejos, evitando a feiura da REALIDADE.

— Bom dia, Joantina! Posso ainda te chamar de Joantina?

— OK — ela responde, séria.

— E como está indo o estágio profissionalizante em Engenharia Ferroviária?

— Vai bem — diz ela, apanhando o embrulho com o sanduíche que o pai lhe entrega. Apesar da resposta seca, ele insiste:

— Tem que ir trabalhar até no sábado?

Ela bufa e diz com visível má vontade:

— Estou atrasada — e sai, depois de dar um beijo no rosto do Melquíades.

Reconhecendo que a filha foi fria, Melquíades volta-se para o sobrinho honorário:

— Ela está com pressa. Mas hoje ela só trabalha até o meio-dia. Passe lá em casa depois das duas se quiser bater papo com ela.

Aquela resposta faz o dia de Januário. O pai de Joantina é mesmo um boa praça. Ainda bem que seu pai não chegou a matá-lo! Ou, se efetivamente o matou, que Melquíades tenha milagrosamente ressuscitado. Pede a comanda. Passando por trás do outro freguês, baba só de ver o sanduíche americano. O freguês olha feio para ele e acaba derrubando todo o recheio no chão. Um cãozinho de rua vem correndo comer o presunto com queijo, ovo, alface e tomate com maionese e ketchup no chão.

Como fecho de ouro daquela passagem pela Padaria Santa Cecília, o Melquíades se esquece de marcar o primeiro café com leite e o pão com minas frescal. Januário dá uma de Migué, porque dinheiro não nasce em árvore. Como seu próprio guru havia dito, nada que ele fizer pode se comparar com o atentado à vida de Olof Palme, com o desastre de Chernobyl ou, mais grave, com a iminente conquista do bicampeonato justo pela Argentina. Paga a conta para a sorridente moça do caixa e volta para casa, pensando na delícia que será assistir a derrota dos hermanos naquela tarde.

\* \* \*

Este sábado finalmente voltará ser reunida toda a família que, por sinal, não é assim tão grande: seus pais, seu irmão e a nova mulher dele, com os três apensos. Tradicionalmente, quem prepara a feijoada em casa é o pai. Para não ser convocado para a função de auxiliar de cozinha, Januário decide passear pelo bairro até a hora do almoço. Tem esse direito. Trabalha há dois meses num emprego que, de início, achou que seria moleza. No entanto, ao receber como punição pelo atraso no segundo dia mais de 500 pastas de usuários inadimplentes do serviço de esgoto, muitas delas que deveriam ter sido encaminhadas há mais de dez anos, Januário entende a razão de ser dos cabelos em desalinho do Almir: é um verdadeiro périplo laboral. É bem verdade que Andréa chegou

a sugerir que estavam sacaneando, que aquilo era serviço acumulado de anos de vagabundagem do colega. Mas como, se Januário era testemunha de sua dinâmica invejável?

Os sobrados das ruas da Lama, Paulo Borges, Vladimir Garcia Magalhães e da Pomada, erguidos em meio aos galpões de indústrias e aos bares, hoje são quase todos cortiços. Esses imóveis têm o pé direito tão baixo que os moradores são obrigados a entrar curvados no andar térreo. Quando os Ladeira vieram morar no Bairro da Saúde, as casas tinham tamanho normal e as ruas eram de terra. O asfalto, se de fato existia, era tão esburacado que mal se notava a pavimentação. A Rua da Lama ligava as margens do Rio Tijuco Verde ao lugar onde futuramente seria construída a Avenida Elias da Mata, então apenas uma trilha margeando o Córrego da Ratazana, sombreada por frondosos salgueiros, ipês-roxos, aroeiras e figueiras. Depois, as árvores foram cortadas, dando lugar à pista que nos leva diretamente à Avenida do Progresso e ao Centro de Tijuco Verde. A Padaria Santa Cecília fica na esquina da Rua da Lama com a Elias da Mata. O sobrado que alugaram está a poucos passos da padaria.

No verão, quando chovia, aquela área contornada por dois cursos d'água ficava inundada, fato que alegrava muito a molecada. Ele, seu irmão e o Rui, futuro psiquiatra, uma vez construíram uma jangada com pedaços de caixotes encontrados no depósito de lixo, nas duas margens do Rio Tijuco Verde. Naquela época a água ainda não era oleosa e o único perigo era pegarem tifo por causa dos ratos. Como a jangada não suportava o peso de nenhum deles, resolveram oferecer serviço de transporte de padiola para crianças que estivessem ilhadas no meio da enchente. Foi nessa época que ele ficou amigo de uma menina que só podia ser a Joanhinha, muito embora ele estranhasse que ela deveria então ter só quatro anos de idade e ele, dez. A jangadinha fez sucesso com a garotada. Logo diversas crianças quiseram passear também na inundação, por isso os três amigos resolveram cobrar ingresso para os passeios. Quem não tivesse dinheiro, podia pagar com rosquinhas açucaradas ou pirulito.

Januário caminha à toa pelo bairro da Saúde, lembrando-se de sua infância. Mas chega de saudade! Este capítulo está saudosista ao quadrado: estamos na segunda década do Século XXI, falando de um sujeito que, na manhã do dia 29 de junho de 1986, recorda-se das aventuras aquáticas da sua infância.

Ele atravessa a ponte do Córrego da Ratazana e vai para a outra margem, a mais valorizada, muito embora as ruas Alfa, Caíto Gomide e George Harrison não passem de



continuação das ruas da Pomada, Paulo Borges e da Lama, respectivamente. O que os separa daquele povo da margem esquerda é apenas um córrego de menos de três metros de largura. Por isso, os esnobes da Classe C chamam o córrego de “a linha da miséria”. Ele chega na Avenida Coimbra, atravessando toda a Rua George Harrison, conhecida pelos seus sobrados em estilo inglês. O movimento maior do trânsito é na pista do outro lado, ladeada pela Muralha dos Templários e passagem obrigatória para as estradas que levam a Orelha de Macaco, Jerivá e Ozimândia.

Ele decide ir em sentido oposto, na direção da Rua Viana do Castelo, onde fica a *Duas Pátrias*. Tenta se lembrar do nome dos vários funcionários daquele escritório, mas só consegue recordar o de Lina Smrz, que adulterava documentos com gilete. Prossegue na direção da Avenida do Progresso, na esperança de ainda encontrar mais algum livro interessante na pista. Não há mais nada. Certamente outros bibliófilos levaram os poucos que escaparam de seu olhar de lince. Recusa-se a pensar na possibilidade de haverem sido despejados no depósito de lixo.

À montante do Rio Tijuco Verde, poderia seguir rumo ao Centro, à Avenida Pero Vaz de Caminha, onde fica o Serviço de Esgoto. Como não é ainda um *workaholic*, trabalhando apenas para poder comprar bons discos e livros, instintivamente segue a jusante, pela marginal da Avenida do Progresso, passando pela foz do Córrego da Ratazana e pelo finzinho da Rua Mariana Garcia Torres. A partir daquele ponto acaba o asfaltamento da Avenida do Progresso. Os urubus sobrevoam o depósito de lixo. Na ala à esquerda do Rio Tijuco Verde estão jogados resíduos sólidos produzidos pelas famílias mais abastadas da cidade. A ala à direita é reservada para animais mortos, lixo hospitalar e outros produtos tóxicos. Cautelosamente, entra na ala da esquerda e, tapando o nariz, inspeciona as pilhas mais recentes de lixo para ver se encontra outros livros. Não acha nada de interesse, a não ser um pedaço destroçado da *Geografia Sentimental* de Plínio Salgado e então volta para casa pela picada que margeia o Rio Tijuco Verde.

Seu pai, que nas manhãs de domingo prepara seu próprio café, com suco de laranja, torradas e uma omelete especial com seis ovos, já deve ter lanchado e agora, provavelmente, está às voltas com os preparativos da feijoada.

(

Abrimos este parêntese para falar um pouco da omelete especial.

O pai de Januário separava as gemas num pote de porcelana e passava um prato de sopa para que o filho caçula batesse as claras com um garfo, mas o menino se cansava antes que elas atingissem o ponto de neve. Isso deixava o garoto frustrado – por sua falta de técnica, por achar que o segredo da omelete estava nos ingredientes que o pai misturava às gemas e, principalmente, porque depois de cinco minutos de cansaço inútil, o prato com as claras mal batidas era transferido para o César, que rapidamente se desincumbia da tarefa.

Januário nunca levou jeito na cozinha, nunca passou do macarrão instantâneo regado com azeite. Ou, na melhor das hipóteses, sardinha em lata, ovo frito, salsicha cozida com molho de tomate e café solúvel. César não, César era o perfeitinho da família, sempre foi assim. Pegava as tarefas malsucedidas do irmão e consertava os erros. É verdade que quem recebia os elogios no final era o mais novo, mas ele sabia que eram imerecidos.

(

Abrimos aqui um segundo parêntese para deixar registrada uma mágoa que Januário nunca superou. Diga lá, Januário.

*Não era só nas lições sobre claras em neve que César se intrometia. Fazia isso também nos exercícios de Matemática e Físico-Química. Corrigia meus exercícios sem eu pedir. Rabiscava a equação de segundo grau que eu tinha feito com caligrafia tão caprichada. Ou alguma fórmula de óxido-redução. Sua mania de querer me corrigir chegava a ponto de, na minha adolescência, se intrometer até mesmo nos ensaios da Banda Lá Bemol:*

*— Januário, o polegar está muito em cima do braço, assim você não consegue apertar a pestana e o som fica apagado.*

*A besta do Benedito Montana, que tocava gaita como o nariz dele, caía direto naquela conversa:*

*— Eu não quis falar nada, mas seu irmão tem razão. César, você não quer entrar na banda?*

*Entrar na banda, o César? Essa era boa. Um velho de dezoito anos de idade numa banda formada por dois caras de catorze. Ainda bem que o César tinha um pouco de bom senso e apenas dava risada:*

*— Já passei dessa fase, Benedito.*

*Talvez ele não tivesse essa intenção, mas eu acreditava ele queria era demonstrar a minha incompetência e sua superioridade em tudo. Passados quinze anos daquelas blitzes em nossos ensaios musicais, César persistia nesse comportamento.*

*Prova disso tinha sido ele sair de casa tão cedo e nunca mais ser minha companhia nas noites em que eu tinha pesadelos. E tudo para quê? Só para provar que poderia se sustentar sozinho, mesmo que fosse para ir viver com uma mulher dez anos mais velha e que trazia a tiracolo aqueles bostinhas do Huguinho, Zezinho e Luizinho, apelido que lhes dei para me livrar do embaraço de ter que decorar aquele trio estapafúrdio de nomes.*

)

)

Ficamos na dúvida se agimos certo, concedendo a palavra ao protagonista, para que falasse em primeira pessoa, por isso fechamos depressa os dois parênteses.

Januário caminha sorrateiramente pela casa e entra depressa em seu quarto, sem que seu pai dê pela sua presença. Volta para a cama para dormir mais um pouco. Acorda ouvindo o ruído das panelas e pratos. Seu pai está picando couve, separando o feijão preto, descascando cebola, cozinhando o paio e a carne seca, fritando o toucinho, enquanto sua mãe dorme. Sempre admirou a laboriosa constância paterna, mas nunca teve vontade de seguir o seu exemplo nos afazeres domésticos.

A mãe só se levantará quando tudo estiver preparado. Coitada, depois que o marido tiver ido embora, ela vai sofrer muito com a falta de mordomia. Mas não vamos dar um salto no tempo.

Deitado, de olhos fechados, Januário planeja como irá narrar as novidades dos dois últimos meses em seu novo trabalho, quando todos estiverem juntos saboreando a feijoada. Por volta do meio dia, levanta-se e vai para a sala tentar entender um LP do Eric Clapton que todos dizem ser o melhor dele. Naquela época, ainda não gosta muito. Passará a gostar só bem mais tarde. E ficará gostando dele por décadas e décadas. Desde 2020, porém, deixará novamente de gostar, porque ele é anti-vacina.

O que é abstrato e o que é concreto em nossa vida? Aprendemos no colégio que concreto é aquilo que tem existência própria, independente de outras coisas. Abstrato, por sua vez, é aquilo que é separado à força: não existiria sem aquilo de que se destacou.

Os sentimentos de nosso herói enquanto ouve o disco do Eric Clapton seriam algo abstrato ou concreto? Ele havia comprado o LP numa liquidação na hora do almoço. Quem deu a dica da loja foi o Dr. Décio Linhares, apaixonado por música “semi-clássica”:

— Veja só o que encontrei lá, Januário. Nada menos do que este LP do Waldo de los Ríos. Foi com ele que aprendi a gostar da Sinfonia 40 de Mozart com arranjo de bateria, guitarra e contrabaixo. Detalhe: por um quinto do preço de um LP comum!

O rapaz desce para a Avenida Pero Vaz de Caminha em direção da loja. Os alto-falantes tocam uma espécie de guarânia que fala de um menino de dez anos que brincava de esconder com a sua própria Joanelha. Um dia o menino a esperava para brincar, mas então surgem vários adultos que colocam o corpo dela num caixão branco e lhe dizem que ela irá se esconder. Passam-se muitos anos de procura inútil, e só quando cresce é que ele entende que sua namoradinha virou uma estrela no céu.

Januário é obrigado a abstrair, isto é, separar à força aquela música sertaneja de seus ouvidos e se concentrar na garimpagem de possíveis tesouros discográficos concretos. É quando encontra aquele álbum, no qual Clapton aparece sentado numa cadeira, um cigarro na mão direita e a guitarra de pé, encostada na perna. Do lado esquerdo dele, uns tapetes vermelhos e alaranjados enrolados e duas maçãs que aparentemente estão ali apenas para contrastar com o restante da foto preponderantemente branca. No entanto, o comprador se pergunta: e se as maçãs forem uma alusão ao George Harrison? Leva o disco, ainda mais barato do que o Waldo do Dr. Linhares. Para qualquer cientista atuarial aquela oferta tem uma razão óbvia: ocupar o espaço que poderia ser do João Paulo & Daniel ou da Turma do Balão Mágico. Não é nada lucrativo para os donos da loja manter encalhe. Como sempre repete Melquíades, baseado em lições das abas das caixinhas de sucrilhos, espaços vazios na despensa devem ser preenchidos com mais caixas de sucrilhos (estas aulas serão retomadas oportunamente).

Agora ele ouve o disco com *headphones* e procura extrair dos dados constantes na capa os seus segredos. O LP foi lançado nos Estados Unidos há muito tempo. Januário busca a concretude, unindo novamente tudo o que havia sido separado à força. Um LP não é a música que se ouve apenas. É produto de um momento histórico. Ele jamais teria comprado aquele LP no ano de seu lançamento. Nessa época estaria inebriado pelo

tricampeonato, agitando a bandeira do Brasil na rua e colando orgulhoso o adesivo “Brasil: Ame-o ou deixe-o” na janela traseira do caminhão de seu pai, transportando a amada Joanhina na jangada em troca de rosquinhas e pirulitos. E mesmo se não houvesse inundação na região e o Brasil tivesse perdido para a Itália na decisão, ele não teria dinheiro para comprar um disco importado. O LP veio a ele porque jazia nas prateleiras de uma loja popular da Avenida Pero Vaz de Caminha, próxima ao prédio do Serviço de Esgoto, sua capa impregnada de poeira cinzenta.

A chegada de César com sua família arranca-o de seu processo introspectivo. É uma algazarra cabisbaixa dos cinco, que trazem uma novidade totalmente inesperada: um computador MSX.

### **POR QUE UMA FAMÍLIA COM REI NA BARRIGA ESTARIA CABISBAIXA?**

Esta é a pergunta que não quer calar. Senta que lá vem história!

Fazia um tempo que a prefeitura tinha elevado em mais de um metro o nível das ruas – o projeto “Veneza Nunca Mais”, criado pelos engenheiros civis da Faculdade de Engenharia do Município de Sabão de Soldado, a mesma onde Joanhina estuda Engenharia Ferroviária. A ideia era bastante simples: com as ruas mais altas, a água não atingiria as casas e os carros poderiam circular livremente em dias de chuva. É certo que alguns detalhes foram esquecidos. Por exemplo, a Lei dos Vasos Comunicantes. As casas, obviamente, não haviam sido elevadas juntamente com a rua e as calçadas. Para quem passava pela Rua da Pomada, da Lama e pela Paulo Borges, a impressão que dava é que elas haviam sido erguidas sobre areia movediça e agora afundavam. Mas como fazer com que a água dos canos de esgoto que correm nas ruas não revertissem para os ralos das casas? Nas primeiras semanas, a solução foi vedar esses ralos e colocar uma escadinha de madeira para que as pessoas descessem para a sala, já que nenhuma casa tinha quintal na frente: todas as portas davam diretamente para a calçada. Ocorre que, na primeira chuarada de verão, cumpriu-se a implacável Lei. As águas que antes cobriam a rua entraram nas casas e não foram embora pelos ralos. No dia seguinte, com o sol brilhando e as calçadas sequinhas, todos os moradores estavam num trabalho insano de jogar a água na rua com baldes.

Chamada uma junta de peritos em Engenharia Civil de Sabão de Soldado, todos foram unânimes: bastava que os moradores se adequassem à nova realidade geofísica, elevando o chão das casas até o nível da rua.

Isso explica a família cabisbaixa. Não é por timidez ou humildade. Aquela mulher com quem César havia se casado e os três filhos que ela trouxe a tiracolo são muito altos e arrogantes, mas o pé direito de todos os imóveis agora não ultrapassa 1m70.

Isso também explica por que os moradores da margem esquerda do Córrego da Ratazana passaram a chamar aquele pedaço do bairro de “Ruas dos Duendes”.

Por um tempo, Januário teve raiva e vergonha de sua situação. Sua mãe, percebendo que ele estava atormentado, qual a Sra. Mary, sua amiga de Liverpool, veio a ele dizendo palavras sábias:

— Deixa estar, meu filho. Deixa estar. Nossas casas agora são baixinhas, mas se a lei é para todos, inclusive a dos vasos comunicantes, a água das inundações agora também vai atingir o outro lado da linha da miséria.

\* \* \*

Januário não tem muita noção do que era um computador, menos ainda do que significavam as letras MSX. Lembra-se apenas de uma reportagem na TV, em que um escritor (não sabe se o Márcio Souza, o João Silvério Trevisan ou o Ignácio Loyolla Brandão) mostrava as maravilhas do que chamavam de “editor de texto”: se o autor mudasse de ideia e resolvesse mudar o nome de uma personagem, bastava dar um simples comando e, magicamente, teríamos o livro *Não verás a resistível ascensão de Melinha Marchiotti*.

Até então, para Januário, aquilo seria uma máquina de escrever elétrica mais sofisticada, com fita corretiva inteligente e um recurso de inserção de palavras no lugar apagado.

Ledo Ivo engano, é algo muito mais divertido.

Imediatamente presente que agora as atenções se voltarão para aquela maldita novidade. Ninguém dará a mínima para a narrativa que ele planejou para este sábado, contar com riqueza de detalhes os dois primeiros meses no novo emprego e descrevendo o Sr. Geraldo, a Andréa, o Almir, o Dr. Linhares.

Em meio àquela agitação patológica, Huguinho, Zezinho e Luizinho correm para acordar a matrona. Os idiotas chamam-na indevidamente de “vovó”, mas ela parece não se incomodar. Até o pai parou de picar a salsa, a cebola e o tomate do molho-vinagrete para conhecer aquela engenhoca de ficção científica.

Januário não consegue mais ouvir o disco de Eric Clapton e tenta então enveredar pelo campo daquela nova tecnologia, puxando o assunto com o pai e o irmão:

— Vocês viram? O Brasil levou uma comitiva para a França. Vai debater com os Estados Unidos a questão da reserva de mercado na informática.

O pai se anima com o assunto:

— Não sei o que vocês acham, mas imaginem só se esse tal de MSX não tivesse sido produzido por uma empresa de capital nacional. Nesse ponto, eu até aplaudo a decisão do ex-presidente João Batista, não acham? O Brasil tem que investir em pesquisa! A Faculdade de Engenharia de Sabão de Soldado, por exemplo, poderia se tornar o polo irradiador de uma tecnologia 100% brasileira. Imaginem só, *Cérebros Eletrônicos Sabão de Soldado*, luxuosamente acondicionados em caixas de madeira de lei. Mogno. Jacarandá.

— Pai, vamos ligar? Tenho certeza que você vai adorar!

O pai imediatamente deixa-se fisgar pela isca lançada por César. Aborrecido, Januário vai para ao quintal inspecionar os feijões que havia plantado numas latinhas sobre a lixeira. Ele se pergunta por que motivo alguns crescem vigorosos enquanto outros definham. Jesus afirmou que não é boa a árvore que não dá bons frutos. Mas feijões não nascem em árvore! Na verdade, feijões sequer são frutos, Januário desconfia que os frutos provavelmente são as próprias vagens.

Ficaria por horas diante daquelas latinhas refletindo sobre a relação entre o ensinamento antiecológico de Jesus e as doutrinas ultradireitistas de eugenia, pensando nas experiências de Mendel com cruzamento de ervilhas e no filme *Blade Runner*, de Ridley Scott. Talvez, em breve, a Faculdade de Engenharia de Sabão de Soldado introduza mesmo um novo curso: Engenharia Genética.

Logo corrige o rumo de seus pensamentos: aquilo é inflamação no hipocampo. Um interlúdio para falar desse hobby hortifrutigranjeiro acabará deslocando as atenções na narrativa principal. Ademais, na Igreja do Gigante Azul, Jesus não apita nada.

Quando volta para a sala, Eric Clapton já não toca mais. César desligou a vitrola e instala a parafernália. O computador não tem uma tela e precisa ser ligado a um cabo que se conectava com a parte de trás da televisão de tubo. Um outro fio vai para um gravador de fita cassete e serve para o registro dos dados dos programas.

— Dá até para jogar xadrez com o computador! — diz César com entusiasmo, enquanto os patinhos gritam para que ele ligue um joguinho do pinguim patinador que

precisa desviar-se dos buracos no gelo e adquire superpoderes transitórios ao comer um peixe.

Depois de uma hora desse joguinho, o grupo infantil começa a se dispersar. Só César continua concentrado no MSX. A mulher dele começa a ler a revista *Capricho* e a matriarca desce para a sala e resolve montar o autorama no tapete. Januário pergunta ao César se ele pode dar uma carona para retirar os livros que estão há meses na casa do Biriba, mas o mano não arreda o pé dali até carregar um programa que transforma o teclado num sintetizador de som.

— Veja só isso, Januário. Você vai gostar — e começa a apertar as teclas do computador.

Para seu espanto e fascínio, de repente, do alto-falante da televisão começa a sair um som que lembra a passagem viajante de *Close to the Edge*, do Yes. Ele não acredita no que pode um simples computador: aquele é o futuro da Banda Lá Bemol, ele será o sucessor do Kraftwerk e do Pink Floyd!

Aliás, para que ressuscitar aquela banda medíocre? Sozinho, em seu quarto, Januário poderá gravar do jeito que sempre sonhou, integralmente, a ópera-rock *A Igreja do Gigante Azul*, sem ter que procurar o inútil e maléfico Benedito Montana que, nessa época, já está fora do seu círculo, envolvido num plano extra-sistema de obtenção instantânea de dinheiro de transeuntes distraídos.

Januário pode modificar os timbres, aquilo é quase Keith Emerson, quase Rick Wakeman, quase Vangelis. Tudo o que ele precisa é aprender a apertar as teclas certas. E em datilografia ele sempre foi bom, tecla as letras a, q e z corretamente, com o mindinho esquerdo.

O pai o chama para ajudar a picar a couve do almoço, mas Januário não consegue largar o computador. Até que um dos sobrinhos esbarra na tomada e apaga o programa do computador que levou uma hora para carregar. Aborrecido, grita:

— Tinha que ser o Huguinho!

A mãe do menino protesta:

— Diga-me uma coisa, Januário, o que há de errado no nome Hélio? É tão difícil pronunciá-lo? E Zélio? E Lélio?

— O erro não está nos nomes isolados, está no conjunto da obra — retruca Januário didaticamente à cunhada, que mentalmente batizou de Margarida, embora seu irmão não



seja o Pato Donald. É ela, Célia, Ofélia ou Amélia, a responsável por essa aliteração cacofônica.

— Meus filhos não são patinhos e já pedi mil vezes para não colocar esses apelidos neles. Todos eles têm nomes bonitos, diferente de você, Januário.

— Não liga, Amélia. Meu irmão sempre teve um humor peculiar, eu já lhe expliquei — diz César, tentando apaziguar os ânimos, mas de uma forma meio dúbia.

O que ele quer dizer com “humor peculiar”? Ou com “eu já lhe expliquei”? Aquelas são frases típicas de quem costuma falar mal da gente pelas costas. Será este o início do rompimento de uma amizade fraternal?

Sua técnica mnemônica, porém, é perfeita. Reservou o H de Huguinho para o Hélio, o Z de Zezinho para o Zélio e o L de Luizinho para o Lélio. Se um deles se chamasse Adélio ou Nélio, a coisa não daria certo.

\* \* \*

É natural que, Januário não se lembre de tudo o que se passou nos primeiros tempos de trabalho sob o jugo do Dr. Linhares, mesmo contando com a valiosa colaboração de um narrador onisciente. Vamos ordenando cenas e reflexões envolvendo helmintos e bactérias, Dionélio Machado e Lygia Fagundes Telles, colar de clips e café na garrafa térmica, jangadas, rosquinhas e pirulitos, computadores e feijões, tapetes vermelhos e carpetes rasgados, buscando dar a esse emaranhado caleidoscópico um mínimo de coerência, se não lógica, ao menos literária. Se isto fosse um livro de memórias, redigido quarenta anos mais tarde, porém, não teríamos condições de inserir estas reflexões metalinguísticas e o romance seria uma herética tentativa de retratar um passado inexistente, como preleciona Theodor Adorno.

Com relação ao seu próprio romance homônimo, Januário pensou mesmo em perguntar à Andréa Albuñuelas se não seria melhor abandonar o título provisório, *A Igreja do Gigante Azul*, e passar a chamá-lo de *Livro do Desassossego*. Mas poderia ele dizer que esta agitação cerebral tão agradável seja um simples desassossego? Pode um desassossego pessoal ser considerado algo agradável, quase extasiante? Porque pela primeira vez ele consegue fugir da cidade abstrata em que sempre viveu e sentir o concreto de Tijuco Verde em seu rosto. A totalidade real, a unidade, os aluminatos hidratados, etringitas em forma de agulhas formando elos entre as partículas do que viveu,

cascalho e areia, a areia entre fragmentos de embalagens plásticas e camisinhas usadas, bactérias e insetos, baratas e formigas lambendo os resíduos orgânicos da cidadania exercida com denodo, moscas metálicas, azuis e verdes, paradas como beija-flores da putrefação, enquanto um riacho de excrescências corre do meio-fio da calçada rumo às tubulações de esgoto, artérias e veias que sempre quis proteger a partir de sua perspectiva científica. Atuarial, é bem verdade, mas científica.

Na aspereza deste concreto, ele é o seu próprio deus. E sendo o juiz de sua existência, pode ceder parte dela à reflexão sobre outro deus – The God – Eric Clapton, condenando às profundezas infernais Adélia, Amélia ou Clélia e seus três filhos que esbarraram no fio da tomada e postergaram o seu sonho de gravação da ópera-rock?

Se existisse uma versão definitiva do passado, ele não poderia assegurar que foi naquela manhã de sábado da audição do álbum-solo de estreia do guitarrista que o seu irmão trouxe MSX. Tampouco saberia se foi na final da Copa de 1986 que meditou sobre a hibridez e a pureza, a sinfonia e o cantochão, a elite dominante e a população recessiva.

Certeza mesmo, ele só tem de que seus pais, um certo dia (quando a cabeça do César parecia estar no lugar), reuniram a família para uma feijoada. E mais, que nesse dia, os enteados de seu irmão faziam tamanha algazarra que ele ficou impossibilitado de monopolizar a conversa. É plausível que, após o apagamento do programa do sintetizador de som, ele tenha convencido César a, com atraso de dois meses, levá-lo de carro para ir buscar os seus livros na casa do Biriba.

A caminho da Travessa Monsaraz, uma ruela quase invisível lá no final da Rua Viana do Castelo, deve ter contado ao seu irmão tudo o que se passou depois que o Dr. Linhares relevou seu atraso. Pode jurar que, na primeira vez em que falou de Andréa para ele, a tenha depreciado, realçando a feiura de seus dentes amarelos de nicotina e de sua pele maltratada, ridicularizando-a por seus conselhos para não tropeçar nos carpetes rasgados, criticando-a por matar o tempo de trabalho tomando um café azedo da garrafa térmica que ficava ao lado do relógio de ponto. É possível, enfim, que, em contrapartida, tenha pintado o Dr. Linhares com tintas de um grande sujeito, um chefe equilibrado e cordato, disposto a mostrar o caminho para uma rápida ascensão funcional no setor.

No concreto deste instante, a visão que se tem daqueles tempos é duplamente distorcida: pela memória de fatos distantes e pelo que hoje se sente por eles. Pode ter dito a César que o Dr. Linhares estava satisfeito com a sua pontualidade (uma rematada mentira), incumbindo-o das tarefas antes delegadas para o Sr. Almir por ver nele alguém

altamente gabaritado. Digamos mais algumas coisas, mas já não com o verbo no modo condicional. Coisas não tão indecentes como a infame desculpa da casa em ruínas. Mas, no limite, ainda indecentes. Seria assim a sua narrativa para o irmão:

*O Sr. Almir, esbaforido, correu para a mesa do chefe e, tentando justificar-se, disse que só havia recebido o serviço na semana anterior, que ainda não tinha tido tempo de terminar, que eram mais de cinquenta cartas. Nesse momento, ele ouviu um sermão do Dr. Linhares, porque não é carta que se diz, é ofício. Um diretor, um superintendente, um secretário de estado não assina cartas, assina ofícios. Aí o Dr. Linhares perguntou quantos ofícios faltavam e o Sr. Almir começou a tergiversar, disse que ainda estava planejando o melhor esquema para poder depois datilografar tudo de uma vez, que até a próxima semana terminaria a tarefa e que o Dr. Linhares podia ficar tranquilo.*

*— Eu estou tranquilo, Sr. Almir. Mas quero que o senhor repasse o material para o novo funcionário. Ensine a ele como se faz. Estão dispensados. Podem voltar às suas mesas.*

*— Obrigado, Dr. Linhares.*

*— E o senhor, Sr. Januário, veja lá, cuidado com esses atrasos. Da próxima vez, não vai haver casa em ruínas que me faça relevar outro atraso e o senhor vai levar uma falta injustificada, vai sofrer desconto salarial.*

*Ao voltar para minha mesa, já me deparei com 54 cópias de cartas de cobrança que até então estavam sob a responsabilidade do Sr. Almir. Coloquei diante da máquina de escrever um colar com 54 clips e comecei a datilografar os 54 ofícios, adotando um determinado procedimento para não me aborrecer: a cada ofício datilografado, retirava um clipe do colar. Como o número 54 é múltiplo de nove, beberia seis copos de água, um copo a cada nove ofícios concluídos. A hidratação ajudaria a desinflamar o hipocampo. De tempos em tempos, poderia também me distrair com a imagem distorcida dos colegas de trabalho no reflexo da janela espelhada.*

*E assim, César, cheguei ao último clipe no momento em que todos se despediam. A repartição ficou vazia. Deixei todo o trabalho sobre a mesa do chefe e olhei para a lista telefônica afundada no assento da poltrona. O suor da bunda do Dr. Linhares amarelecera as páginas, mas não quis tirar nenhuma conclusão*

*acerca dessa imagem. Limitei-me a bater o cartão de ponto e corri para a cabine do elevador. Já na rua, respirei fundo e contemplei um vendedor que atirava tarântulas de borracha pegajosa na parede de mármore polido de uma agência do Banco do Brasil que fica em frente do prédio da SDSE.*

*Foi nesse momento que tive a ideia de revolucionar o sistema de cobrança dos serviços de esgoto. Preste bem atenção. As 54 cartas de cobrança foram enviadas há mais de dois anos aos usuários inadimplentes dos serviços de esgoto, sem qualquer resultado prático. Andréa disse que esse procedimento só é eficaz em um por cento dos casos. Por isso, agora eu redigia ofícios, propondo a inscrição na dívida ativa. Contabilmente, computadas apenas as despesas com o correio, é fácil concluir que aquilo tudo não traz nenhuma vantagem econômica para a municipalidade. Os valores cobrados são sempre irrisórios e o mais provável é que as cartas tenham sido extraviadas. Eu não concebo que alguém deixe seu nome ser inscrito na dívida ativa por conta de uma dívida tão baixa.*

*A solução, César? A solução será visitar os devedores nos finais de semana, expor a situação e os riscos decorrentes da inadimplência. Se eu contar isso tudo à mamãe, ela certamente olhará para mim com admiração e soltará elogios imoderados. No entanto, o papai dirá: “Mas, filho, como você pretende abordar esses devedores desconhecidos? O que você ganharia trabalhando fora do horário de expediente e colocando sua vida em risco?”. Por isso, conto só a você.*

\* \* \*

César leva o irmão em seu carro para apanhar os livros na casa do tal Biriba. Januário acha que ele apontou algum erro estratégico em seus planos e ele, aborrecido, em resposta às suas objeções, possivelmente começou a discorrer sobre a germinação de seus feijões nas latinhas de molho de tomate. Desta vez, a mãe deles não poderá reclamar de ele haver plantado em seu vaso de antúrios. Isso foi tudo o que conseguiu dizer, num dia em que o assunto era o MSX. Um baita anticlímax.